

No dia 5 de maio de 2015 fizemos a nossa última intervenção pedagógica no infantário Dona Olga de Brito. Neste dia, tivemos a oportunidade vir mais cedo do que nos restantes dias, sendo que quando chegámos as crianças estavam a terminar o lanche da manhã. Tal como tinha sido habitual, mostraram-se felizes perante a nossa chegada e desde logo começaram a partilhar as suas experiências e brincadeiras da semana que passara. Após o lanche, as crianças realizaram a higiene pessoal e de seguida regressaram à sala.

Na sala, demos início às rotinas da manhã, nomeadamente à canção dos bons-dias e o preenchimento do quadro do tempo, feito pelo chefe do dia. Após isto, demos início à situação de aprendizagem que tínhamos planeado. A temática que a educadora seleccionou para desenvolver este mês na sala foi as figuras geométricas.

Por um lado, é importante fazer referência à importância desta temática. O geometria é um dos domínio essenciais no âmbito da matemática e o conhecimento deste domínio permite criar e compreender diversos conceitos matemáticos. Assim, através do contacto com a geometria, a criança desenvolve progressivamente uma relação com a matemática e com o pensamento lógico-matemático. Além disso, a geometria é um elemento constante das nossas vivências quotidianas e, como tal, também constante nas vivências das crianças. Neste sentido, a geometria desempenha um papel fundamental para a representação e descrição da realidade física, ao mesmo tempo que promove relações com o espaço e com o plano (Mendes & Delgado, 2008).

Por outro lado, importa referir que os símbolos atribuídos às crianças na sala dos 4 anos são as figuras geométricas. Neste infantário, em cada sala são atribuídos a cada criança símbolos. De acordo com Hohmann e Weikart (2003), o recurso a esta estratégia de atribuição de símbolos permite que as crianças identifiquem facilmente os seus pertencer, bem como os dos colegas. Além disso, permite uma maior organização a nível das tarefas, das dinâmicas diárias e da identificação do material de cada criança.

Assim, após a realização das rotinas, partimos para a leitura da história “*A Casa do Mickey Mouse: As Formas*”. Optámos pela utilização de uma história para introduzir a temática do novo mês, uma vez que o livro representa para a criança um vasto leque de oportunidade e de estímulos ao crescimento intelectual, emocional e relacional. Veloso (2002) explica que as crianças em idade pré-escolar beneficiam do livro através da audição da leitura pelos outros.

No que diz respeito a esta história em específico, a mesma foi escolhido devido ao conhecimento que as crianças manifestaram em momentos anteriores da Casa do Mickey Mouse, sendo que algumas nos referiram diversas vezes que tinham histórias desta personagem e que gostavam das suas histórias. Como tal, achámos que seria adequado levarmos uma história cujas personagens as crianças já conhecem, de forma a que fosse possível envolvê-las também na leitura da mesma, apelando para que dissessem nomes de personagens, de sítios e outros dados associados à história.

Após a leitura da história, fizemos o reconto oral da mesma, relembrando as crianças acerca dos diversos pormenores da história. Partindo da análise das diferentes figuras geométricas que as personagens referem ao longo da história, mostrámos, então, às crianças as quatro figuras geométricas básicas (quadrado, retângulo, círculo e triângulo). Mostrando-lhes cada figura, perguntámos qual o seu nome, a cor da figura que segurávamos e quantos lados cada figura tinha. De seguida formámos uma roda com todas as crianças e espalhámos no tapete diversas figuras geométricas, de várias cores e com três tamanhos diferentes.

Neste ponto, não podemos deixar de ressaltar a importância de utilizar materiais concretos aquando da exploração do domínio matemática. De acordo com Abreu, Sequeira e Escoval (1990) as crianças, independentemente da sua idade, aprendem melhor quando trabalham a matemática a partir de experiências reais. Como tal, achámos que a utilização de figuras geométricas facilitariam a aquisição destes novos conceitos, uma vez que as crianças poderiam manipulá-las, contar os seus lados e comparar tamanhos. Assim, no tapete realizámos uma ampla exploração das figuras geométricas, permitindo que todas as crianças tivessem oportunidade de participar, mas também que as diferentes situações apresentadas às crianças variassem.

Após a realização desta exploração, perguntámos às crianças se gostariam de aprender uma canção acerca das figuras geométricas. No que diz respeito às canções, Hohmann e Weikart (2003) explicam que as crianças em idade pré-escolar gostam de cantar todo o tipo de canções, retirando um especial prazer e bem-estar de serem capazes de cantar canções inteiras. Por este motivo, optámos por preparar uma canção para ensinar às crianças, que disseram que queriam aprendê-la. Ensinámos apenas as duas primeiras quadras e o refrão, sendo que fornecemos a música à educadora para que continuasse esta atividade.

Para ensinarmos a música, recorremos à estratégia de ensinar primeiro cada verso sem a melodia associada, sendo que este foi introduzida apenas posteriormente juntamente com os restos que mimavam a canção. No que toca aos gestos, permitimos que as crianças seguissem as nossas orientações, mas também que fizessem os gestos que julgassem melhor se adequarem à canção, havendo uma liberdade no sentido de promover a expressão dramática associada à canção. Após as crianças aprenderem a canção, voltámos a cantá-la, porém desta vez reproduzindo a música em CD. Pedimos também às crianças para que, quando fosse a quadra respetiva, levantassem as figuras geométricas que distribuímos. Porém, nesta fase da atividade, as crianças começavam a manifestar alguma agitação face a aproximação da hora do almoço e à mudança para uma atividade que ainda lhes proporcionava maior liberdade. Como tal, algumas das crianças, não compreenderam o que lhes era pedido. Ainda assim, continuámos a cantar a canção, sendo que as crianças mostravam entusiasmo perante a canção que aprenderam. Tal como nos outros dias, foi necessário um momento de reflexão e avaliação da nossa ação e dos efeitos da mesma nas crianças, sendo que estes dados se encontram compilados no gráfico do Anexo A.

Quando terminou esta atividade, voltámos ao tapete, onde a educadora pediu para que as crianças se sentassem e escutassem. Esta explicou que este seria o nosso último dia com elas, perguntando-lhes se elas tinham gostado de nos receber e de fazer as diferentes atividades que nós propusemos. Depois, a educadora perguntou se as crianças queriam dar-nos um abraço como forma de despedida, ao que elas responderam afirmativamente e correram para nos abraçar.

Após este momento de despedida, seguiram-se os momentos da rotina de higiene, refeição, higiene oral e descanso, sendo que durante este último, após todas as crianças estarem a dormir, nós fomos embora. Neste momento, tivemos oportunidade de conversar com a educadora cooperante, que nos apontou os pontos positivos e negativos da nossa prática e explicitou de que formas poderíamos melhorar no futuro.

Referências:

- Abreu, I., Sequeira, A. P. & Escoval, A. (1990). *Ideias e Histórias – Contributos para uma Educação Participada*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2003). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Mendes, M. F. & Delgado, C. C. (2008). Textos de Apoio para Educadores de Infância. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Veloso, R. M. (2002). “Curtir” Literatura Infantil no Jardim de Infância. In F. Viana, M. Martins & E. Coquet. *Leitura, Literatura Infantil, Ilustração, Investigação e Prática Docente*. Braga: Centro de Estudos da Criança.

Anexos

Anexo A – Níveis de Implicação e Bem-Estar

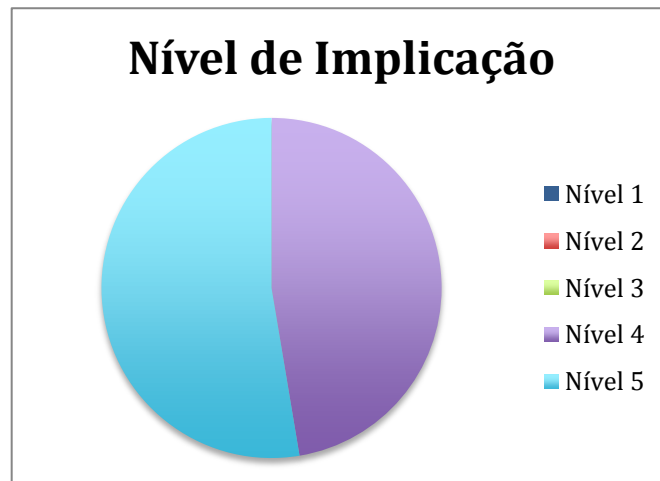


Figura 1 - Níveis de Implicação

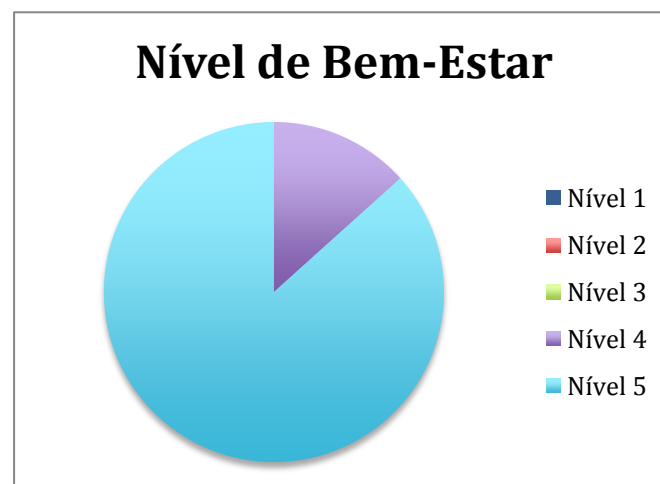


Figura 2 - Níveis de Bem-Estar